

## TENHO UM PAPEL EM BRANCO NAS MINHAS MÃOS

Não escrevo para mim.

Tenho um papel molhado nas mãos.  
Ninguém está a par  
deste mistério  
da palavra que seduz ao ritmo  
de outro pulso amarelo.

Não conheço a luz por detrás disto  
e a oração da noite  
que me faz ouvir outra voz e me devolve  
à palpitação de um cinza exaltado.

Tenho um papel amarrotado nas minhas  
mãos.  
As horas passam lentamente  
e na rua floresce  
um pôr-do-sol quente que me derruba.

Tenho um papel cinza nas minhas mãos  
e palavras encadeadas  
de todas as cores.

Não escrevo para mim.  
Aproximo-me da janela  
e a vida, com ritmo de uma trombeta,  
escala as alturas,  
para o seu ritmo  
e adormece como uma criança  
entre os sonhos desfeitos  
de um enxame de ausências pálidas.

Tenho um papel em branco nas minhas  
mãos.  
Não escrevo para mim.  
É triste que anoiteça sem eu ter palavras  
para levar à boca,  
sem um mínimo de palavras entre os lábios.  
Paira sobre o céu sem rumo  
uma lua de espelhos côncavos.

Impossível escrever se o coração  
não quebra as correntes  
e se cinge à vida que palpita  
nos cantos quebrados dos meus versos.

Las Palmas, 2021

Blas Márquez Bernal, cmf  
(FOTO: [Kelly Sikkema](#))

